

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA

Fundamentos da Criação Artística

Galeffi Romano, FUNDAMENTOS DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA
Edições Melhoramentos, S. Paulo, 1977, pág. 222

A Editora Melhoramentos, lançando este livro, contribui notavelmente para despertar interesse, debates, discussões, polêmicas sobre os múltiplos problemas da criação artística. Naturalmente, o mérito principal de tudo isto é do autor da obra, Romano Galeffi, Titular de Filosofia da Estética na Universidade Federal de Salvador, Bahia.

Galeffi, desde anos, se dedica aos problemas da arte e da estética. Nem tudo o que brilha é ouro — diz o antigo provérbio. Mas o que é ouro brilha certamente. Estudando com mestres afamados, lidando com autores, publicando artigos e estudos, travando polêmicas em revistas, tomando parte em congressos brasileiros e internacionais, agitando problemas artísticos nas aulas universitárias, afinal, vivendo praticamente toda a vida a braços com a filosofia da arte e seus problemas, o Professor Galeffi adquiriu grande familiaridade com o assunto. É o que evidencia a erudição desta obra. Ela vem enriquecer, sem dúvida, a estante dos livros filosóficos que tratam de estética

O volume é rico de erudição, de trechos ou "battute" polêmicos, de informações, de lições, de intervenções do autor, de vocabulário especializado, enfim, de todas aquelas questões e problemas de que vivem e se interessam diariamente os filósofos e críticos da arte. Tudo isto irá fornecer matéria para discussões e polêmicas, que, por sua vez, irão trazer benefícios em

prol da clareza e do aprofundamento das idéias da arte, da estética, do belo e do feio: assuntos que empolgam todo o mundo em todo o mundo.

O Autor, no livro, trata de pensadores de todos os países, de todas as escolas. Entretanto, faz boas referências às teorias que tiveram particular vivência na Itália neste século. E este aspecto torna o livro especialmente precioso; pois, como é sabido, o mundo cultural e filosófico italiano deste século é retumbante de autores e de teorias estéticas em mútuas polêmicas, terçando armas em prol desta ou daquela teoria da arte. Aachamos pois que este livro vai abrir úteis perspectivas para a cultura entre nós por versar assuntos de atualidade.

Em especial, queremos salientar, de passagem, a contribuição deste livro ao vocabulário especializado, contido no Glossário. "O enriquecimento do vocabulário é uma consequência inevitável do aprofundamento efetivo de cada ciência, não impedindo isso, de modo algum, mas facilitando a clareza da exposição e do conceito.

De resto, essa terminologia especializada não se encontra registrada nos léxicos da língua portuguesa".

— É de salientar a apresentação, impecável do ponto de vista tipográfico. O esmero da edição honra, como de costume, a Editora Melhoramentos.

Para que o leitor interessado possa ter uma idéia do conteúdo da obra, acrescentamos o seguinte. É ela dividida em cinco partes: I — Introdução.

1) Acerca da universalidade do sentimento estético. 2) A arte como criação intencional do homem visando comunicar um sentimento estético. 3) O contínuo mudar dos gostos e a imperecibilidade da arte. 4) A "arte" e "reflexão sobre a arte". 5) Acerca da origem da estética como ciência filosófica.

II — Em busca de um conceito de arte. 6) Unidade e pluralidade da arte. 7) A arte e suas relações com as outras atividades do espírito. 8) Arte e filosofia. 9) Arte e ciência. 10) Arte e economia. 11) Arte e jogo. 12) Arte e moda. 13) Arte e indústria. 14) Arte e política. 15) Arte e moral. 16) Arte e sociedade. 17) Arte e religião. 18) Arte e educação. 19) Arte e natureza. 20) Arte e comunicação. 21) O problema da técnica da arte.

III — Conclusão. 22) A tese da autonomia da arte fundamento indispensável de toda a estética filosófica.

IV — Bibliografia. a) Bibliografia geral. b) Principais escritos de estética do Autor.

V — Glossário.

L. Castagnola.

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE OBRAS ITALIANAS

Recentemente, duas publicações importantes vieram enriquecer a biblioteca brasileira de obras Italianas. As duas obras publicadas são as seguintes:

1) Carlo Goldoni, **Arlequim, Servidor de Dois Amos** (Título original: *Il servitore di due padroni*) Abril Cultural, São Paulo, 1977, 208 pág.

2) Luigi Pirandello, **Sets Personagens à Procura de um Autor**, (Título original: *Sei personaggi in cerca d'autore*), Abril Cultural, São Paulo, 1977, 148 pp.

A primeira obra foi traduzida do Italiano para o português pela Prof.^a Elvira Rina Malerbi Ricci, catedrática titular da Universidade de São Paulo. Abre o volume um estudo introdutivo, em que é traçado um perfil de Carlo Goldoni (1707-1793), o mais famoso comediógrafo da literatura Italiana. São também salientados seus merecimentos literários, suas lutas nos teatros de Veneza para introduzir na Itália da época a reforma da comédia, chamada justamente de "reforma goldoniana"; enfim, sua trajetória existencial e literária.

A segunda obra foi traduzida por Brutus Pedreira. O célebre prefácio, que Pirandello escreveu para a edição Italiana, foi traduzido por Elvira Rina Malerbi Ricci.

Este volume se abre, também, com um estudo sobre Luigi Pirandello (1867-1936), em que é traçado um perfil do amargo teatrólogo siciliano, e uma análise crítica do discutidíssimo mundo pirandelliano, como aparece nas novelas, nas comédias e nos romances.

Pirandello dizia ser o "filho do caos", pois assim até se chamava o lugar onde ele havia nascido. Os homens são eternos fantoches em busca de ilusões, pobres marionetes nas mãos do destino cego.

Os dois volumes foram publicados, em edição esmerada, pela Abril Cultural, de São Paulo, e integram a coleção "Teatro Vivo". Além da boa apresentação tipográfica, é de se salientar a riqueza das gravuras, ilustrando a vida dos Autores e cenas das diversas suas obras.

Essas duas obras apresentam ao público brasileiro dois autores que levaram para o teatro dois mundos completamente diversos.

O mundo goldoniano é fundamentalmente alegre, sadio, contente; é o mundo dos cafés, dos canais venezianos, dos "campielli", dos espertalhões de bom coração, das damas apaixonadas, dos bailes, da humanidade que se

quer divertir. A comédia de Goldoni não pensa nos mistérios do mundo, nos problemas éticos; ela quer somente divertir, sem praguejar contra o destino, mas respeitando os princípios e os costumes por todos aceitos.

Pirandello, pelo contrário, representa um mundo absurdo, o mundo do "caos", como já dissemos. Nunca os homens alcançam o que desejam; são fantoches, pobres marionetes ao léu do destino escarnecedor. Nós não somos nós, como habitualmente pensamos, mas somos tantos eus quantos os outros nos imaginam. O indivíduo não existe, o que existe verdadeiramente é o fantasma artístico criado pelo artista. As palavras que mais recorrem nas obras do angustiado, agitado, paradoxal Pirandello são: loucura, louco, enlouquecer.

Goldoni e Pirandello são dois grandes artistas, dois comediógrafos admiráveis, mas o primeiro é um comediógrafo da alegria e da esperança, o segundo da angústia e do desesperado nada.

L. Castagnola

Roa Bastos, Augusto, EU O SUPREMO

Tradução de Galeno de Freitas, Rio de Janeiro,

Paz e Terra, 1977, 389 pp.

Editado em 1974 pela Siglo XXI de Buenos Aires, *Yo el supremo* de Augusto Roa Bastos (Paraguay, 1917) é traduzido por Galeno de Freitas e publicado pela Paz e Terra. Já em 1965, pela Civilização Brasileira e em tradução de Marlene de Castro Correa era publicado *Hijo de hombre* (1960), primeiro prêmio do Concurso Internacional Losada (1959) e primeiro prêmio Municipal de Buenos Aires de 1961. A revista *Status* no seu número especial 11/A publicou uma antologia do conto latino-americano sendo Roa Bastos representado por *A tesoura (La tijera)* que aparece no livro *El baldío* (1966). Eis o que o leitor brasileiro pode conhecer, em português, de Augusto Roa Bastos, hoje lecionando Literatura na França onde prolonga um exílio de mais de trinta anos, a maior parte dos quais passados em Buenos Aires. Como poeta, seu primeiro livro *El ruiseñor de la aurora* data de 1942, quando estreou, também, com um romance: *Fulgencio Miranda*. Em 1945 publica *Mientras llega el día* (teatro) e seu primeiro livro de contos *El trueno entre las hojas*.

Yo el supremo foi publicado no mesmo ano que *El recurso del método*,

Isto é, um ano antes do aparecimento de *El otoño del patriarca*. Embora geograficamente tão afastados uns dos outros, as motivações de Roa Bastos, Alejo Carpentier e Gabriel García Márquez, ao se interrogarem sobre os detentores do poder são bem óbvias. E tanto que até pode ser considerado estranho que os demais países da América Latina ainda não possuam o ou os seus déspotas imortalizados pelo ridículo como foi o ditador Francia no livro de Roa Bastos ou pelo estigma ferro em brasa que é o romance de Miguel Antel Asturias em que o ditador Estrada Cabrera é o não nomeado senhor presidente.

O livro do autor paraguaio trata de José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840), o raro (haverá outros?) governante que nos tempos modernos assumiu oficialmente a "íngrata designação", como diz Décio de Freitas, de ditador.

Sob forma de ensaio ou romance, se lhe cabem (ou não) todas as classificações levantadas pelo tradutor brasileiro ou simplesmente se é inclassificável é, no momento, de somenos importância. Longo monólogo (e poderia ser de outro modo?) do ditador: memórias, circulares perpétuas, anotações no caderno particular, pesadelos, alucinações, lembranças difusas aos quais se inserem outras vozes. A de Policarpo Patiño, a de seu pai, a de seu cão, a de uma caveira falante, a de André-Legar num caminhar de idas e vindas para o tempo que já foi, que é, que será: exploração estrangeira na América, etnocídio, "el aposento de la verdad", alianças políticas, história fantasiada ou fantasia histórica (a verdade é importante?), evangelização. O fantástico, o real (ou igualmente fantástico?), o testemunho, a ficção. Leitura imprescindível. Pelo prazer do texto. Pelo que nos leva à reflexão mais do que nunca necessária, que mais não seja, sobre a prática do poder, sobre o ofício do escritor, sobre a ambigüidade da linguagem. De como a tirania esquematiza a educação, anula a cultura para fortalecer o seu poder e se autojustifica na delegação da vontade de um "povo livre, independente e soberano"; de como o poder tem por base a ignorância e a mansidão do povo, de como se veste de insígnias para que sua imagem infunda respeito e temor, de como se acompanha de guardas, tambores, oficiais e armas para esconder o seu verdadeiro rosto. E nas inquietudes do tirano, as interrogações/afirmações sobre a Literatura, sobre o escritor. "Escrever não significa converter o real em palavras, mas sim fazer com que a palavra seja real. O irreal só está no mau uso da palavra, no mau uso da escritura" (pág. 54). Diante dos pasquins (discutem seus atos?) e dos rumores (expressam esperança de ver chegar o seu fim?), Dr. Francia define, sarcasticamente, os que vão defender a verdade: "Corrompidos corruptores. Vadios. Malandros. Truões, rufiões da letra escrita" pág. 60. Falsos sacerdotes, repetidores do que outros disseram ou escreveram, "foliculários letrínários".

E na diatribe contra o estilo de Patiño (“Labiríntico beco empedrado de aliterações, anagramas, idiotismos, barbarismos, paranomásias da espécie paróli/páruis: Imbecis anástrofes para deslumbrar a Invertidos imbecis que experimentam erecções sob o efeito das violentas inversões da oração...” pág. 52) está contida também aquela que dirige aos plúmicos e que nada mais é do que a dismitificação de “uma língua morta”. Que aliás ele revive por um uso incomum ao pontilhar as suas circulares perpétuas, seus cader-nos particulares, seus diálogos de um vocabulário onde se mesclam termos do mais puro vernáculo, termos específicos da zoologia, neologismos, termos populares e guaranis. Ou ao elaborar combinações inesperadas de palavras num emprego inusitado que lhes confere novos significados.

Do narrador (narradores) de **Hijo de hombre** ao narrador (narradores) de **Eu o supremo** há uma distância. É como se Miguel Vera (memórias, diário) e/ou o narrador consciente dos capítulos pares narrassem uma saga. Importante por ela mesma: clamor contra a opressão em que vive o povo paraguai. O narrador de **Eu o supremo** volta-se para si mesmo, se recria, se explica, repudia os textos de seus biógrafos, dos historiadores numa dialética verdade/invenção que pode ser definida como a dialética da burla.

Da grandeza de um Cristiano Jara para a miséria do Ditador Perpétuo; da linguagem que faz de pobres vítimas, heróis àquela que destrói o ditador todo-poderoso; da criação de belas figuras de retórica à recriação trocista de significados há como um passar da epopéia para o cômico. E, diante da imensidão dos fatos, do mundo injusto que é o cotidiano de uma grande parte dos latino-americanos hoje, este cômico burlesco que passou a ser uma presença na Literatura Latino-Americana é uma opção, opção na qual **Eu o supremo** é um dos grandes momentos: burla corrosiva dos conceitos tradicionais, das verdades eternas, do saber incontestável.

Cecília Teixeira de Oliveira Zokner

**Torres, Antônio, ESSA TERRA,
São Paulo, Ática, 1976, 112p.**

Antônio Torres volta a desfilar na passarela literária. Desta feita, com um romance aos moldes gestalteanos, constituído de quatro partes-fragmentos, onde, através de um trabalho inteligente a soma de tais partes formaliza um “todo”, porém cada uma delas se apresenta como um todo homogêneo.

“Essa Terra me Chama”, “Essa Terra me Enxota”, “Essa Terra me Enlouquece”, “Essa Terra me Ama” — numa exploração total do jogo de contrários, apresenta o desnudamento de uma série de problemas psicossociais oriundos do eixo dicotômico homem telúrico/homem civilizado, campo/cida-

de, enxada/caneta, essência/aparência.

O narrador-protagonista através de uma auto-análise e de uma análise minuciosa do seu povo, da sua terra e dos problemas nascidos com o advento da civilização, penetra no âmago e procura desbravar e desvendar o "eu profundo", a fim de explicar a destruição vital do ser humano.

Totonhim sente o peso da sua fragmentação, da fragmentação dos semelhantes; vê o pai, antes um chefe de família autêntico, transformado num farrapo humano — preço exigido pela civilização.

O Junco, antes dignificado pela enxada, através do braço rijo do homem sertanejo, agora procura ascender, recebendo os benefícios do banco e do sargento, que introduzem os germes maléficos dessa civilização.

A redescoberta de outro mundo, a consciência violada dos moradores daquele lugarejo que se descobriu em uma nova e violenta dimensão existencial exige em troca um "fardo" muito pesado — o enforcamento ou a loucura, como expiação de uma falta grave.

Como se pode notar, o livro parte da morte de Nelo, que pagou com seu enforcamento, pelo crime de ter abandonado a terra natal, em troca do progresso da grande São Paulo. A loucura, outra forma de expiação, vai se alastrando e apoderando-se do povo do Junco e da narrativa.

Todo o livro baseia-se no binômio queixa-procura. Queixa, com referência ao enorme erro dos homens, propagado pela crença no novo estilo de viver: banco-plantação de sisal; sargento-idéias inovadoras; São Paulo, Paraná-proporcionando grandes fortunas. Resultado: — êxito —. Procura: o homem, ser esmagado mediante sua pequenez diante do "mundo" — procura —. Procura e não acha, pois não sabe o que procura, portanto, ... não tem o que encontrar.

Totonhim, que é a personagem narradora, totalmente imbricado nessa problemática existencial não vê os processos inovadores, advindos da civilização como instrumentos de união entre os homens, mas como pontos de discórdia e de aniquilamento.

Nesse constante caminhar pelo deserto interior do ser humano sofrido e angustiado, o romance reproduz a realidade de uma classe social brasileira e sua filosofia de vida. Como a narrativa é, em sua maioria, centrada na 1.ª pessoa, pode-se perfeitamente adentrar no pensamento filosófico do narrador e seus personagens. Eles sofrem, porém conscientizados da gravidade de sua culpa. A onisciência do foco narrativo também nos facultta tais conclusões. Observa-se através dessa onisciência e da relativização do foco narrativo a crença no poder mágico da palavra, nos símbolos de danação, na força de um simples sobrenome. O homem "é" pela sua maneira de falar;

se é nativo conhece os mistérios da terra; seus símbolos de danação ou de bênção; conforme o sobrenome que carrega é feliz ou infeliz. "O senhor vem de Salvador, vem da capital, e não conhece os muitos mistérios desta terra" (pág. 35). "É nessa hora que um copo escapa da sua mão, rola e não quebra. Mau sinal" (pág. 39). "Eis aí a nossa derrota (...). Vou mudar meu sobrenome" (p. 40).

A problemática da força sobrenatural para tais personagens está intimamente relacionada à palavra oral e a certos acontecimentos, havendo, portanto, um vínculo entre ambos. A palavra passa a ser um mundo de virtualidades e de potencialidades — basta possuir um sobrenome "Cruz" para não ser feliz; basta saber usar bem as palavras, manipulá-las dentro de um contexto inusitado para ser enquadrado num "status" social elevado.

Em todo o contexto narrativo salienta-se implícita ou explicitamente o fator culpa e maldição que se bifurcam através de palavras e símbolos (o chapéu, o pôr-do-sol, o mata-pasto, um copo que caiu e não quebrou...).

Totonhim, sujeito racional, procura dar conta do mundo caótico que lhe cerca e que começou a chamar a sua atenção pelo endeusamento de Nelo pela sua progenitora. Procura discorrer a narrativa a partir de situações e comportamentos observados dentro do seu lar, partindo daí para os grupos sociais, procurando enquadrá-los dentro do painel da cultura do grande grupo — o Junco. Procura justificar aqueles comportamentos pelas crenças, regras e costumes que constituem o patrimônio ideológico comum a todos os membros do grande grupo e também localizar em relação a este os atos de rebeldia, de taras sexuais e os procedimentos de instinto animalesco que ocorrem naquele ambiente rústico. É neste contexto que surge a figura de Alcino, sempre apresentado como uma força instintiva da natureza, sempre identificado como animal. É por perder a sua égua-mulher e não apresentar condições físicas de conviver com a esposa que passa a viver no mundo da loucura, do alheamento.

Antônio Torres, neste romance, nos dá a visão do homem telúrico sendo, pela sua simplicidade e falta de experiência, violentado pela força brutal de um mundo desconhecido porém almejado.

Maria José Tenório de Araújo

Livros Alemães Sobre Povos Antigos

Nos últimos anos, publicaram-se na Alemanha e na Suíça livros redigidos em linguagem popular, de fácil compreensão, mas científicos, baseados em resultados de pesquisas recentes sobre povos e tribos antigas, como

Romanos, Germanos, Celtas, Hunos, Etruscos, e outros. As edições destas obras, em séries de 30.000 a 50.000 exemplares, logo se esgotaram.

FISCER, S. — **FABIAN: Die ersten Deutschen. Der Bericht über das rätselhafte Volk der Germanen** (Os primeiros alemães. Relatório sobre o misterioso povo dos Germanos), Editora Droemer Knaur, Locarno, 1975, 384 págs.

Os autores apresentam em 14 capítulos a história e o destino das tribos germânicas até a formação da nação alemã: o "furor teutonicus"; o ordálio; o enigma da pré-pátria; o machado de guerra, e os túmulos pré-históricos; César e Ariovisto; a história de uma tragédia; fantasmas no pântano; os Germanos como realmente eram; o homem que se chamava Tácito; o dia comum dos Germanos; a grande batalha (Varus e Arminius); a vingança; as mulheres, mito e realidade; os gladiadores ensalam a revolta; os loiros leões.

A Arqueologia, por meio de escavações na Alemanha, na Dinamarca e em outras terras habitadas por Germanos, nos últimos 40 anos, e a Antropologia forneceram subsídios cientificamente comprovados para a Filologia Germânica e ajudaram a desvendar mistérios e eliminar dúvidas e lacunas históricas em torno dos antepassados das nações de origem germânica, pesquisas que provam como verdadeiras as afirmações de Tácito na "Germânia" ("De origine et situ Germanorum Liber").

HERM, Gerhard: **Die Kelten. Das Volk, das aus dem Dunkel kam** (Os Celtas, O povo que veio da escuridão), Editora Econ, Düsseldorf — Viena, 1975, 438 págs.

O livro trata da história dos povos celtas que foram também denominados Galos ou Gálatas, deixando vestígios em quase toda a Europa. Da Ásia Menor até a Espanha, do Mar Negro até o Oceano Atlântico estendia-se o seu território de influência, principalmente de ordem cultural e econômica. O Império céltico era o mais estranho na História: unidade existia somente na língua, religião e cultura. A fundação de um estado comum e unificado, a união política, contradizia o caráter desse povo. A arte céltica, o estilo de Latène, porém, é a primeira grande realização artística na Europa, após a época glacial. No auge cultural, falava-se a língua céltica na Turquia, como na Europa central, na Itália do norte e nas Ilhas britânicas. Hoje, ainda, cerca de 2 milhões falam dialetos celtas na Bretanha francesa, Irlanda, Escócia e no País de Gales. Em 16 capítulos, o autor versa sobre os seguintes assuntos: O povo que veio das trevas; um pesadelo para os romanos; os herdeiros de Alexandre, o Magno, e os celtas; quatro gregos descobrem a Gália; tudo começou no Rio Volga; quando Atlântida submergia; o nascimento de uma Europa céltica; burgueses caçadores de cabeças; os administradores da morte; o jogo de intrigas de Júlio César; a luta frustrada de Vercingetórix;

batalhas no fim do mundo; a conspiração bárbara; Irlanda ou a mosca em âmbar; ferozes e pacíficos santos celtas; o império celta sem base física. Bibliografia específica, ilustrações, mapas e índices completam a obra interessante e digna de ser lida.

SCHREIBER, Hermann: Die Hunnen. Attila probt den Weltuntergang (Os Hunos, Átila ensaia o fim do mundo), Editora Econ, Düsseldorf — Viena, 1976, 352 págs.

Os Hunos e seu dominador Átila são símbolos para a palavra "horror" até hoje, no continente europeu. Esse rei, marcante personalidade histórica, e os guerreiros Hunos encontram-se como personagens em muitas epopéias heróicas, em especial no "Canto dos Nibelungos", e Átila não era o bárbaro primitivo, como em geral a História o caracteriza, mas destaca-se nesta obra pelas suas qualidades de grande líder e pela diplomacia perante os embaixadores de outros povos. A leitura do livro representa verdadeira aula intuitiva, com todos os fatos históricos, arqueológicos e sociológicos. O autor descreve a origem lendária das tribos da estepe asiática, sua ascensão ao poder gigantesco na Ásia e Europa, a conquista, passo a passo bem planejada, do Ocidente, espalhando terror e horror. Relatórios documentados de viajantes em missão diplomática oferecem descrições exatas e detalhadas da vida, dos costumes na corte de Átila, durante os tempos de paz e de guerra.

Cerca de 200 anos antes de Cristo, os Hunos fundavam um império poderoso na Mongólia e no Turquestão Oriental. No seu avanço para o Ocidente — a fome era o motivo principal para a invasão da Europa — venciam os Alanos e destruíam o império dos Godos orientais de Ermanarich. Sob o Rei Átila, os Hunos atingiam o ponto culminante do poder. Na batalha da Catalunha, o romano Aetius vencia os guerreiros de Átila. Após a morte do rei, começou o declínio dos Hunos. Enfraquecidos pelas lutas internas, perdiam sua energia propulsiva, e, finalmente, foram assimilados, e parte deles absorvida pelos outros povos na península dos Balcãs e no sul da Panônia, sob o domínio romano.

Reinaldo Bossmann

Relatório de Atividades do "Summer Institute of Linguistics"

Exercício de 1976 — Brasília, agosto de 1977

A importante instituição norte-americana "Summer Institute of Linguistics", a qual mantém convênio com o Governo Federal, vem desde 1956 labutando no Brasil em sua especialidade, isto é, coleta de material princ-

palmente lingüístico de várias tribos, a fim de estudar-lhes a gramática, agrupar línguas e relacioná-las geneticamente, e relacionar grupos com grupos.

A tarefa não pára aí, mas estende-se à feitura de cartilhas de alfabetização para os próprios índios, livros de leitura, publicação de material etnológico (lendas, música, etc.), e à tradução total ou parcial da Bíblia.

O presente Relatório dá conta principalmente de publicações e pesquisas, seminários, breves resumos dos seus trabalhos, encontros de monitores bilingües em Brasília, em colaboração com a FUNAI, novas publicações lingüísticas, cursos de Metodologia Lingüística ministrados em Manaus e Brasília.

Tais são os nomes das tribos com as quais há equipes a trabalhar ou das que já se publicou algo: apalaí, apinajé, apuriná, asurini, atroari, bacairi, bororo, canela/craô, cinta-larga, deni, guajajara, guarani, hixcariana, jamamadi, juma, cadiueu, caingangue, caluá, camaiurá, carajá, caripuna, caritiana, caiabi, caiapó, macu-nadebe, maca-hupda, maca-laúpe, mamaindé, maxacali, mundurucu, mura-pirahã, nambicwara, olampi, palicur, pareci, parintintim, paumari, aikbaktra, sateré, suruí, terena, urubu, uaurá, xavante.

Nos Resumos apresentam-se estes temas: Elementos Iniciais do Período na Língua Guarani do Brasil (Dr. Robert A. Dooky), Focagem e Tópico na Língua Xavante (Eunice Burgess), Topicalização em Língua Nambiquara (Dr. Ivan Lowe), Ordem Constituinte, Coesão e Encenação no Gavião (Horst Stute).

O "Summer Institute of Linguistics" está espalhada em todos os Continentes com as mesmas finalidades: "Realizar estudos comparativos e descritivos das línguas indígenas e reduzi-las à forma escrita; traduzir para essas línguas livros de valor moral e cívico, assim como porções da Bíblia; promover o interesse pela ciência lingüística e por estudos de investigação científica de outros aspectos da vida das tribos indígenas; editar livros, revistas ou outro tipo de publicação que se relacione com os fins da entidade; desenvolver um programa de educação e assistência social, em cooperação com Instituições governamentais ou científicas, com o propósito de proporcionar ao indígena melhores condições de vida, tudo sem fins lucrativos".

O fundador do "Institute", Dr. William Cameron Townsend, foi distinguido pelo Governo Brasileiro com a Insígnia da Ordem do Cruzeiro do Sul.

Antes de terminar esta nota, queremos salientar três grandes nomes de lingüistas que muito têm trabalhado no Brasil através dessa entidade, com valiosíssimos estudos: Dras. Sarah Gudschinsky (falecida em 1974), Ursula Wiesemann e Loraine Irene Bridgeman.

R. F. Mansur Guérios

Giùlio Dàvide Leòni

Ângelo Ricci

As letras brasileiras e, em especial a área de Língua e Literatura Italiana, perderam, nestes últimos tempos, duas eminentes figuras de mestres universitários e ativos publicistas: Gìulio Dàvide Leòni e Ângelo Ricci.

Ambos estavam ligados ao Setor de Letras da Universidade Federal do Paraná, por laços de amizade e por motivos de atividade didática e científica. Foi, por exemplo, marcante a contribuição dos dois professores na celebração do sétimo centenário do nascimento de Dante Alighieri, realizada de 20 a 24 de setembro de 1965, sob o patrocínio da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, e organizada pelos Centros de Estudos dos Cursos de Letras e de História.

A revista **Letras**, portanto, recordando os dois eminentes homens de letras, entende prestar-lhes, também, merecida homenagem.

Gìulio Dàvide Leòni nasceu em Ostiglia, perto da virgiliana Mântua, na Itália, no dia 24 de agosto de 1902. Fez seus estudos em Módena, Roma e Bolonha, em cuja Universidade, uma das mais antigas e famosas do mundo, doutorou-se em Letras e Filosofia.

Foi logo atraído pelo jornalismo. Suas atividades profissionais obrigaram-no a viajar. Visitou assim grande parte da Europa, conhecendo países, homens, costumes e coisas. Tudo isto contribuiu a formar sua cativante personalidade, amadurecer sua inteligência e senso crítico, bem como a enriquecer sua formação lingüística. Com efeito, o Professor Leòni, além de conhecer bem o grego e o latim, dominava o francês, o alemão, o inglês, o português e, naturalmente, o italiano (1).

Sua atividade de escritor, naqueles anos, foi intensa, traduzindo também do latim, do francês, do alemão e do inglês, e criando obras suas originais, como romances, comédias e ensaios de crítica literária.

Dotado de particular sensibilidade estética e gosto literário, aos poucos abandonou o jornalismo, embora tenha continuado até o fim da vida a escrever artigos substanciosos para diversos diários de São Paulo.

Sua aprimorada formação humanística fez com que se dedicasse cada vez mais à filologia; e assim foi levado definitivamente ao magistério.

Em 1928 casou com a Dra. Letizia Spinelli, culta e literata, tendo colaborado como Fumagalli na compilação do famoso livro "Chi l'ha detto?".

Em 1939 fixou sua residência em São Paulo, dedicando-se exclusivamente à atividade didática e à publicação de livros. O Ministério da Educação e

Cultura autorizou-o a lecionar em Universidades Brasileiras pelo Parecer do Conselho Nacional da Educação n.º 261/49.

Desde então, o Professor Leoni desenvolveu uma atividade quase febril: aulas em diversas Faculdades e sobre diversas disciplinas, conferências e congressos, examinador em concursos de cátedra, cursos de extensão universitária, sempre impulsionado pelo amor à cultura e à formação humanística e cívica da mocidade brasileira. Salientamos sua atuação como professor na Faculdade "Sedes Sapientiae" da Pontífica Universidade Católica de São Paulo, na Faculdade de São Bento, e na da Universidade Mackenzie, sendo desta última também Vice-Diretor durante muitos anos.

Não é possível aqui lembrar sequer as sociedades culturais às quais pertencia, as instituições de ensino superior para as quais trabalhou.

Ao lado dessa atividade didática, o Professor Leoni desenvolveu uma prodigiosa produção literária: artigos para jornais, ensaios para revistas, estudos de crítica literária e artística, opúsculos, livros, traduções, manuais para as escolas. E fundou a revista "Rassegna Brasiliana di Studi Italiani", que sempre dirigiu com amor e competência. É de se lamentar que essa revista — original e única no gênero — tenha deixado de existir com a morte do eminente homem de letras.

Os numerosos ex-alunos do Prof. Leoni quiseram homenageá-lo publicando "Bibliografia das Obras Publicadas pelo Exmo. Prof. Dr. Giulio Dávila Leoni".

O célebre mestre foi também homenageado pela Câmara Municipal de São Paulo. Na sessão solene especial, realizada em 24 de setembro de 1964, foi ele agraciado com o merecido título de Cidadão Paulistano, "pelos relevantes serviços prestados no campo da educação e da cultura" na cidade de São Paulo.

* * *

O Professor Angelo Ricci, nascido na Itália no dia 15 de março de 1915, formou-se na Universidade de Florença, especialmente famosa pelos cursos de arte e de língua. Lecionou língua e literatura italiana na Eslovênia, durante a última guerra mundial, antes em Lubiana e depois em Novo Mesto. Defendeu diversas vezes estudantes eslovenos quando tiveram contrastes com as autoridades fascistas, durante a ocupação do território esloveno por parte da Itália. Mais tarde, depois de voltar à Itália, foi professor no "Istituto Nautico" de Viareggio, e Presidente do Instituto Magistral, na mesma cidade. Em 1945, casou com a Professora Elvira Rina Malerbi Ricci, natural de São Paulo. É ela, atualmente, titular de Língua e Literatura Italiana na Universidade de São Paulo.

As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Católica, em Porto Alegre, solicitaram ao Governo Italiano um professor de Língua e Literatura Italiana. Foi então enviado o Professor Ângelo Ricci, que viajou com o passaporte azul dos funcionários do Estado da Itália.

Ademais, o Prof. Ricci cuidou de organizar de novo o Centro Cultural Italiano, que, por causa da guerra, havia interrompido suas atividades culturais. Tomou a cidadania brasileira e revalidou seus títulos e diplomas universitários, de conformidade com a legislação em vigor no Brasil. Em 1957 fez o concurso para Professor Catedrático de Língua e Literatura Italiana na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Concurso sobremaneira brilhante, pois o Prof. Ricci conseguiu média 10 de todos os professores examinados. [2]

O eminente mestre escreveu estudos e ensaios para revistas de nível superior, artigos em jornais, especialmente para o "Correio do Povo", de Porto Alegre. Dirigiu também a cadeira de Arte Dramática na UF do RS, e foi convidado para examinar em diversas Universidades Brasileiras.

O "Correio do Povo" prestou-lhe homenagem por ocasião do trágico falecimento, acontecido em desastre de automóvel, no dia 16 de julho de 1977, ao longo da estrada Fernão Dias.

"O Prof. Ricci foi diretor do Centro de Arte Dramática e da Faculdade de Filosofia da URGs, sendo professor de Estética, Literatura e Teoria da Literatura.

Diretor da Faculdade de Filosofia no período de 1969, de intensa mobilização estudantil, distinguiu-se aquele mestre na tentativa de dialogar com os estudantes, vindo, inclusive, por este motivo, a sofrer acusações que redundariam na imposição de seu afastamento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que labutara durante muito tempo. Em São Paulo, Ricci, profundo conhecedor de Croce, dedicou-se a publicações, atuando, entre outras tarefas, à frente da publicação de "Mitologia", da Abril Cultural.

O falecimento do Prof. Ricci, para além do fato em si, de sua posição de mestre e do carinho que seus alunos sempre lhe votaram, marca também a passagem de um dos professores que, durante a sua carreira, aprofundou o significado de sua profissão, buscando o real diálogo com os seus alunos e vendo no estudante sobretudo um ser com o qual buscava sempre a aproximação, merecendo, por isso mesmo, dos mesmos, durante toda a sua carreira, grande admiração". ("Correio do Povo", Porto Alegre, 20/7/1977).

O Prof. Ângelo Ricci foi um estudioso sério e profundo, impulsionado a procurar o melhor, por ser dotado de aprimorado senso crítico. Quem não tinha familiaridade com ele talvez fosse levado a não julgá-lo sempre favoravelmente. É que ele queria fortemente aquilo que achava ser o melhor.

A revista **Letras** presta sua homenagem ao pugnaz estudioso e lamenta o prematuro desaparecimento que se deu em circunstâncias tão dolorosamente trágicas.

Luigi Castagnola

-
- (1) "Bibliografia das Obras Publicadas pelo Exmo. Prof. Dr. Giulio Davide Leoni", São Paulo, 1970, pp. 48.

-
- (2) O Prof. A. Ricci publicou diversos livros originais sobre literatura moderna, e outros traduziu. Apresentou para o seu concurso a volumosa tese "Umanità e Popolo nella Lauda del Secolo XIII".